

A PROBLEMÁTICA DE SER MULHER: UMA REPRESENTAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *DESONRA*, DE J. M. COETZEE

Luciane de Lima Paim¹
Ana Paula Cabrera²
Patrini Viero Ferreira³

RESUMO

Desonra, de J. M. Coetzee (2000) é uma obra que aborda questões referentes às relações humanas, as quais estão inseridas em um contexto pós-*apartheid*. No desenrolar da narrativa, é possível identificar evidências referentes à dominação masculina e à violência contra a mulher, além de o papel da mulher ser representado de maneira inferior ao do homem. Assim, o objetivo desta pesquisa é identificar como se constrói a representação da figura do feminino, com ênfase nas personagens Melanie e Lucy. Vale ressaltar que, neste estudo, o feminismo aliado à imagem da mulher busca romper com os conceitos de uma sociedade patriarcal.

Palavras-Chave: *Desonra*, Coetzee, Representação do Feminino, África pós-*apartheid*.

Introdução

J. M. Coetzee é um célebre autor de ficções, traduções, ensaios, ensaios de crítica literária e memórias. O autor, nascido na África do Sul, em 1940, publicou mais de vinte livros e recebeu prêmios na França, na Irlanda e em Israel. Além disso, foi o primeiro autor agraciado duas vezes com o Man Booker Prize, e em 2003, recebeu o prêmio Nobel de literatura. Segundo Kathrin H. Rosenfield e Lawrence Flores Pereira, em *Lendo J. M. Coetzee* (2015), o acervo literário do autor referido, no Brasil, já é bastante significativo, visto que a maioria de suas obras já foi traduzida para o português. Entretanto, o nome de Coetzee ainda é pouco conhecido, lido e discutido, no que concerne à academia brasileira, devido ao modo discreto do autor se posicionar e, conseqüentemente, à complexidade presente em suas obras.

Rosenfield e Pereira (2015) são significativamente assertivos ao afirmar a riqueza existente nas obras de Coetzee, pois para os autores, “Sua ficção possui a capacidade

¹ Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Mestra em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: lucianelettras15@gmail.com

² Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Mestra em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: paulacabreraes@gmail.com

³ Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Mestra em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: patyviii02@hotmail.com

intensa de desconfigurar e reconfigurar os próprios materiais com que trabalha, forçando-os a mais uma vez mostrar uma nova perspectiva sobre fatos conhecidos e até mesmo teoricamente explorados” (ROSENFELD e PEREIRA, 2015, p. 9). Além disso, fica evidente que a escrita deste autor é nítida e intensa, ao passo que assume o poder vital da linguagem primitiva, o que conduz o leitor a um universo literário baseado na realidade.

Isto posto, identifica-se o *corpus* desta pesquisa como sendo a obra *Desonra* (2000), no original *Disgrace* (1999), na qual o autor apresenta cenas da vida doméstica e relatos de relações pessoais com uma sensação de mal-estar, que parece ser causada por algo contrário aos bons costumes. Além disso, de acordo com Rosenfield e Pereira (2015), “*Desonra* (1999) marcou uma reviravolta na obra de Coetzee, ao ficcionalizar as incógnitas das relações *pós-apartheid*” (ROSENFELD e PEREIRA, 2015, p. 14). Contudo, apesar da complexidade e a discussão de temas polêmicos, em *Desonra*, Coetzee foi alvo de críticas por parte do African National Congress (ANC) e devido a isso diversos trechos de sua narrativa foram acusados como exemplos possíveis de preconceitos raciais. Ademais, é pertinente destacar o que Pereira (2015) tem a dizer sobre a estrutura geral da obra e suas temáticas, pois, para ele:

[...] A estrutura geral de *Disgrace* – reunindo os temas candentes tanto dos noticiosos quanto dos relatórios institucionais na África do Sul – é profundamente provocativa: coloca as coisas como elas são, mas com uma atenção formal excepcional que pode passar por apresentar verdades indesejáveis. Porque são indesejáveis, são também os que mais chamam atenção, permitindo renovar a discussão ética. O problema “racial” enquanto fato subjetivo é apenas um deles (PEREIRA, 2015, p. 216).

De mais a mais, Coetzee descreve um mundo de pobreza, aborda as relações entre negros e brancos, os grandes conflitos sociais e políticos, além demonstrar como a mulher é um ser inferiorizado em relação ao homem, independentemente de sua cor ou raça. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é identificar como se dá a construção da figura feminina, com ênfase nas personagens Melanie e Lucy, dentro do romance. A despeito da metodologia cabe salientar que esta será realizada com base em análises de excertos selecionados na narrativa. O embasamento teórico fundamentou-se em críticos

especialistas em Coetzee, como Lawrence Flores Pereira, Kathrin H. Rosenfeld, Ian Glenn, além de alguns teóricos sobre Pós-colonialismo, como Boehmer e Thomas Bonnici. No que concerne a organização estrutural deste trabalho, este dividir-se-á em dois tópicos, além de introdução e fendas conclusivas.

Em um primeiro momento, serão expostos aspectos que dizem respeito à contextualização da obra, neste caso o pós-*apartheid* e o Pós-colonialismo. É válido ressaltar que essa contextualização se faz necessária pelo motivo de situar o leitor acerca do espaço onde estão inseridos os fatos mencionados na obra. Além disso, este tipo de processo visa facilitar a análise, com base na relação entre texto e contexto, uma vez que, como afirma Antonio Candido, seria impossível dissociar a obra do contexto, o que acarretaria não apenas numa quebra da integridade total da obra, mas também em uma interpretação equivocada da mesma.

Já em um segundo momento será apresentada a análise da obra, onde serão expostos excertos da narrativa, selecionados de acordo com o objetivo proposto. O artigo encerra com as fendas conclusivas, seguidas das referências bibliográficas consultadas para a realização deste estudo.

As influências do meio: o Pós-colonialismo e o pós-*apartheid* como fatores de interferência contextual

Após pesquisas acerca do contexto onde a obra *Desonra* está situada, pode-se perceber que esta se constitui no período pós-colonial, o qual aconteceu a partir da Segunda Guerra Mundial, momento em que as colônias passaram a reivindicar os seus direitos e autonomia frente ao colonizador; assim, pode-se definir como “[...] uma literatura que se identifica com o movimento de resistência para a transformação das sociedades que passaram pela experiência colonial” (BOEHMER, 1995 *apud* RAMOS, 2009, p. 2).

Isto posto, vale destacar que, um dos pontos centrais dos movimentos de resistência é o resgate ou a formulação de uma nova identidade para o povo colonizado, que o desconecte definitivamente do colonizador, pois foi a partir do contato com o europeu que se originou não só a dualidade, mas também a diferenciação entre o explorado e o explorador. Ou como nas palavras de Ashcroft (2001) (*apud* Bonnici, 2009, p. 53), “legitimou-se a exploração e a missão civilizadora que perpetuou uma

distinção cultural, pode-se dizer, hierárquica”. Ademais, o revide ou a resistência, de acordo com Bonnici em *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais* (2009), atua como uma forma de “violência discursiva” na busca da reconstrução da identidade.

Dessa forma, *Desonra* pode ser interpretado como uma literatura pós-colonial, cuja função é questionar o poder colonial exercido pelo europeu, revelando, assim, as novas realidades e possibilidades existentes no universo pós-colonial. Aqui cabe destacar o conceito de Pós-colonialismo apresentado por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991) (*apud* Bonnici, 2009), o qual fundamenta esta pesquisa:

O Pós-colonialismo compreende toda a cultura influenciada pelo processo imperial desde o início da colonização até a contemporaneidade. Independentemente de suas características especificamente regionais, a literatura pós-colonial é o resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder colonizador. (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN *apud* BONNICI, 2009, p. 26)

É importante ressaltar que, o período pós-colonial, de certa forma, é, apenas, uma pequena parcela da história da sociedade africana; e, portanto, sua história anterior merece igual atenção e estudo, pois sem estas pesquisas “[...] o termo ‘pós-colonialismo’ fica apenas um rótulo fabricado no exterior para o consumo indiscriminado e acrítico do ex-colonizado” (BONICCI, 2009, p. 23).

Ademais, sobre as obras literárias deste período é válido salientar que estas constituem um caráter de denúncia e questionamento frente à violência e à segregação impostas durante o período colonial e o regime separatista *apartheid*. Dessa forma, faz-se essencial conectar as produções pós-coloniais literárias com os contextos sociopolíticos e culturais das regiões que enfrentaram o imperialismo e por décadas carregaram um estigma como resultado desta colonização. Assim, percebe-se a necessidade de conhecer a história do local onde aconteceram esses fatos, a África do Sul, a qual é não só cenário do enredo de *Desonra*, como também o país de origem de Coetzee, para o entendimento contextual de produções literárias de cunho africano. Ainda, é pertinente apontar que:

Ao dar expressão à experiência do colonizado, os escritores pós-coloniais procuram subverter, tanto temática, quanto formalmente, os discursos que sustentaram a expansão colonial: os mitos de poder, raça e subordinação, entre outros. A literatura pós-colonial mostra as marcas profundas da exclusão e da dicotomia cultural durante o

domínio imperial, as transformações operadas pelo domínio cultural europeu e os conflitos delas decorrentes. (SANTOS, 2005, p. 343)

Neste sentido, *Desonra* encaixa-se propriamente neste contexto e nesta temática de evidenciar e dar voz a assuntos polêmicos e que gerem discussões favoráveis ao crescimento social, político e cultural. Ainda, pondera-se que, a literatura africana tem como principal preocupação elucidar questões antes ocultas, ligadas aos momentos da colonização e ao resgate dos elementos culturais, míticos e religiosos. De acordo com Chidi Amuta, em *The Theory of African Literature* (1989), citado por Bandeira (2008),

[...] o romance africano, especialmente o romance moderno e contemporâneo, está preocupado com as realidades políticas da África que, após um passado de violenta opressão, encontra-se na luta da reconstrução pós-independência e tenta estabelecer um vínculo entre o passado mítico e o histórico. (AMUTA *apud* BANDEIRA, 2008, p. 10)

Ou seja, a literatura africana seria aquela que busca estabelecer vínculos, (re) construir identidades próprias e recuperar suas tradições, ao passo que, aos escritores seria relegada a tarefa de produzir uma arte engajada, que una a literatura ao comprometimento, para a denúncia dos horrores do *apartheid*. Por conseguinte, J. M. Coetzee situa-se entre uma linha de dupla perspectiva: de um lado uma crítica que desconsidera a sua produção e o acusa de não tratar dos problemas sociais do país diretamente; e por outro lado aqueles que leem a sua produção como uma forma de resistência e percebem, em *Desonra*, uma crítica aos anos de repressão e as tentativas de conciliação pós-*apartheid*.

Logo, estudos acerca do contexto em que se insere *Desonra*, possuem distinção no que concerne ao aspecto histórico da situação política, social e cultural, na África do Sul pós-*apartheid*, na qual o homem branco representa uma figura deslocada e agente da exploração e subjugação dos negros durante o período colonial. Consequentemente, a condição do homem branco na nova sociedade africana pós-*apartheid* transfigura-se na forma inversa que anteriormente este indivíduo ocupava: o sujeito branco passa a ser minoria e sofre com a exclusão e a readaptação ao novo contexto social. Esta condição fica evidente na narrativa de Coetzee, escolhida como corpus de pesquisa, e tornar-se-á mais clara no decorrer da análise que segue.

Os percalços de ser mulher em uma cultura patriarcalista e violenta

Com base nas leituras realizadas sobre *Desonra*, cabe ressaltar que nesta obra, Coetzee apresenta uma problemática entre as relações humanas. Entretanto, o que mais chama atenção, e acaba tornando-se o foco deste estudo, é a forma como as mulheres são representadas na obra. Apesar de a narrativa ser desenvolvida em um país onde a cultura desvaloriza o papel da mulher, ainda assim é pertinente enfatizar qual é, realmente, a visão que se têm sobre a mulher neste contexto de pós-*apartheid* e pós-colonialismo da África do Sul. Assim sendo, por ter um elenco feminino considerável, para esta análise procurou-se destacar a representação da mulher através das personagens de Melanie e Lucy, por serem as que mais chamam atenção em relação à dominação patriarcal e violência. Durante muitas passagens da obra é possível observar como a mulher é vista tanto pelo personagem principal, David Lurie, quanto pelos demais personagens masculinos, assim como, elas mesmas têm visões negativas sobre si.

Em *Desonra* o autor também aborda questões controversas entre as relações de animais não humanos e humanos, demonstrando a condição empregada a esses primeiros numa sociedade que carrega o peso histórico da barbárie, “num país onde não existe lugar para eles” (COETZEE, 2000, p. 86). Na primeira parte do livro, o autor recorre a metáforas que podemos observar no discurso de David Lurie que quando vive em Cape Town caracteriza pessoas e situações com termos que remetem ao zoo como quando se refere a personagem Soraya, prostituta com quem David se relaciona, ele diz que ela é como “uma raposa na toca com filhotes” (COETZEE, 2000, p.74), quando assedia Melanie, David a compara com uma “pobre avezinha” que ele aperta e se compara a um “tubarão no meio de peixinhos indefesos” (COETZEE, 2000, p. 83). Quando David é acusado por seus colegas inverte a situação e se põe no lugar da presa: “caçadores que encurralaram um animal estranho e não sabem como acabar com ele”. Quando vai para a fazenda da filha David encontra-se perdido, chega a dizer para a filha que “[...] A única vida que existe é esta aqui. Que a gente reparte com os animais” (COETZEE, 2000, p. 86). A animalidade parece ser vista como uma condição que os seres compartilham.

O fato a ser considerado é que a narrativa é envolvida no contexto do mundo pós-colonial marcado pela injustiça e pelo deslocamento do homem branco no mundo sul-africano. Neste sentido, destacam-se os dois pontos principais que nortearão esta

pesquisa: primeiro o microcosmo do homem branco que explora a mulher negra, o assédio de Lurie sobre Melanie, e o segundo da mulher branca violentada pelo negro, o estupro coletivo que Lucy sofreu. Antes de adentrar a análise sobre as duas personagens femininas, é pertinente evocar o que Ian Glenn (2015) estabelece sobre a relação de David como pai e como sedutor abusivo: “Lurie é, portanto, como muitos críticos salientaram, tanto o pai enraivecido com o homem que fez coisas com sua filha quanto o sedutor da filha inocente – uma vertigem moral evidenciada ao máximo na cena com o pai de Melanie, George” (GLENN, 2015, p. 132)

Partindo do primeiro ponto acima mencionado, o assédio que Melanie sofreu de Lurie, cabe destacar que, no início do contato que Melanie teve com o professor tudo era novo e aprazível aos olhos da menina. O problema é que com o desenrolar da história, a jovem se sente sufocada pela presença de Lurie, ao passo que chega a evitá-lo. Melanie é mais uma vítima da dominação masculina, primeiro por ser mulher, depois por ser negra. A realidade é que, Melanie, assim como muitas personagens femininas, é representada na literatura através de seu silenciamento e pela falta de expressão nas suas ações. Marília Bandeira (2008) disserta que o silêncio, no contexto de produção dos autores de exploração e colonização, revela

[...] um sujeito cercado por discursos e ideologias inerentes ao seu tempo e local, que restringem os sentidos e os significados possíveis do que pretende dizer, silenciando algumas vozes. Dessa forma, as construções que calam esse “outro” que é diferente de “mim” podem tanto refletir o posicionamento e a crença construída por uma sociedade, quanto o desejo de subverter as normas impostas, gerando novos significados ao seu leitor. (BANDEIRA, 2008, p. 69)

Dessa forma, a violência sofrida pela personagem, vítima de dominação patriarcal, humilhação e silenciamento, pode ser compreendida como uma metáfora extensiva a todo o povo desvalorizado e silenciado pelo processo de colonização. Essa mulher expressa através do silêncio que não há justiça. Melanie representa a subjugação da mulher frente o homem, elemento marcante no sistema colonial. A personagem, no momento do assédio de David, não tem “forças” para se soltar, mas o envolvimento com o professor não representa para ela um sentimento desejado. Porém, David não compreende essa resistência e apenas conclui que:

Ela não resiste. Tudo o que faz é desviar: desvia os lábios, desvia os olhos [...] Estupro não, não exatamente, mas indesejado mesmo assim,

profundamente indesejado. Como se ela tivesse resolvido ficar mole, morrer por dentro enquanto aquilo durava, como um coelho quando a boca da raposa se fecha em seu pescoço [...] (COETZEE, 2000, p. 32-33).

Com base na citação acima fica evidente que Melanie é uma presa acuada e indefesa, ela não tem mais “forças” para lutar, então, a única saída encontrada, no momento, é se ausentar e não comparecer mais às aulas. Assim, David a questiona sobre as aulas que ela não frequenta mais e sobre a prova que deixou de fazer: “Melanie, eu tenho responsabilidades. Dê, pelo menos, os passos que tem de dar. Não faça a situação ficar mais complicada do que já é” (COETZEE, 2000, p. 43), mas ela não responde e o narrador comenta: “Responsabilidades: ela não se digna a responder” (COETZEE, 2000, p. 43).

Quando Melanie decide denunciar o assédio, David recebe uma carta de intimação para um inquérito que será realizado na universidade para a investigação do fato. Entretanto, David reflete, “Melanie não teria dado esse passo sozinha, disso ele tem certeza. É inocente para isso, ignorante demais do próprio poder” (COETZEE, 2000, p. 48). David tem uma visão de que Melanie não seria “mulher” o suficiente para falar por si mesma, ele tenta silenciá-la, e quando ela não suporta mais, ela encontra um jeito de dar voz ao que sente. Ainda assim, o professor não compreende que foi indesejado para Melanie e não consegue admitir que este fosse o motivo para denunciá-lo, apenas afirma que a denúncia não pode ter partido dela ou que ela estava sob pressão demais: “[...] os pais dela ficaram sabendo e baixaram na Cidade do Cabo. A pressão foi demais, acho” (COETZEE, 2000, p. 81).

Mais um indício da violência sofrida por Melanie é a cena em que, após um ato sexual entre os dois (Melanie e David), eles se encontram deitados no chão da sala, as emoções contraditórias da menina traduzidas em seus gestos:

Quando volta a si a chuva parou. A menina está deitada embaixo dele, olhos fechados, as mãos caídas acima da cabeça, uma ligeira ruga na testa. As mãos dele estão debaixo do suéter de lã áspera, nos seios dela. As meias e a calcinha dela enroladas no chão; as calças dele nos tornozelos. [...] Ela vira o rosto, liberta-se, recolhe suas coisas, sai da sala. Minutos depois, volta, vestida. ‘Tenho de ir embora’, sussurra. Ele não faz esforço para detê-la. (COETZEE, 2000, p. 26-27)

Segundo Bandeira (2008), esta cena retrata uma posição emblemática entre o professor e aluna. Deitada embaixo do homem, Melanie fica totalmente à mercê de

Lurie, com os braços frouxos e o cenho franzido demonstrando o desgosto da garota perante a situação, ao mesmo em que denuncia seu estranhamento e impotência. As calças semi-arriadas do professor demonstram um ato apressado e quase sem significado, que ignora completamente o bem-estar/prazer da companheira. Seguindo a linha de raciocínio de Bandeira, tem-se uma noção bastante clara da relação desigual e do conflito de interesses que permeia o relacionamento de Melanie e David:

Descrita como uma garota miúda e magra, a imagem dela no chão frio com o peso de um homem adulto adormecido sobre si é o retrato da dominação e da impossibilidade de ação. Além da violência física propriamente dita, há o fato de David considerar prazeroso o sexo enquanto Melanie está sob ele, no chão, inerte e passiva. Todos os sinais enviados por ela a David são ignorados ou erroneamente interpretados. [...] Apesar da negação do estupro por uma voz cuja identidade é ambígua, o leitor sente que Melanie permitiu o sexo por não haver outra saída. Fisicamente mais fraca que David, ela tentou lutar, pediu a ele que não a tomasse e foi ignorada. [...] a mensagem para o homem branco é bastante clara: apesar de mais forte e de manter domínio sobre o corpo, não as possui de fato. (BANDEIRA, 2008, p. 85)

Enfim, sobre a personagem de Melanie entende-se que esta quase não possui voz dentro do romance e seus pensamentos muitas vezes são transmitidos pela voz do narrador e, em outros momentos, através dos pensamentos e julgamentos que David faz sobre ela. Assim, é perceptível que a visão sobre a mulher, aqui, é baseada em constatações externas à própria figura feminina e calcada em ideologias patriarcais, hegemônicas, violentas e dominantes.

No que concerne a personagem Lucy, se comparada à Melanie, uma figura feminina negra, observar-se-á uma expressiva diferença:

Enquanto Lucy, a personagem branca feminina mais significativa de *Disgrace*, defende suas opiniões, nos deixando saber a motivação e a lógica de suas ações, as personagens negras sofrem o apagamento causado pela incompreensão do homem branco. (BANDEIRA, 2008, p. 69)

Assim sendo, fica evidente que Lucy representa a mulher da classe burguesa e também as inversões dos esquemas de propriedade e produção no ambiente rural. Ao passo que, segundo Rosenfield (2015), ela pode ser considerada uma jovem ‘alternativa’ que conta com a ajuda de Petrus para sustentar e fazer funcionar sua plantação de flores

e legumes. Cria-se, assim, uma relação de mútua dependência, e de uma aliança com Petrus:

É um elo de amizade ambíguo, que tira sua força tanto do amor à terra como da simpatia que inspiram a Lucy as pessoas que trabalham essa terra. Mas é um elo autêntico e quase apaixonado. A gratidão e a amizade que Lucy sente por Petrus faz com que ela lhe venda parte da terra pelo trabalho prestado – uma relação de troca sem exploração que irá favorecer Petrus e desestabilizar sua posição como proprietária e patroa. (ROSENFELD, 2015, p. 104)

De acordo com Bandeira (2008), Lucy pode ser considerada uma personagem complexa, cheia de características marcantes: sexualmente ambígua, convive de forma pacífica com seus vizinhos, apesar de ela ser branca e eles negros ou mestiços, e sua única ambição é manter-se no lugar onde ela escolheu para viver, mesmo sabendo que aquela já foi uma região de grandes conflitos raciais, no passado do *apartheid*. É válido ressaltar que a escolha de vida de Lucy a coloca como alguém fora do modelo hegemônico da época, por opção própria, à medida em que a personagem encontra prazer em trabalhar a terra e viver de seu produto. David, por outro lado, percebe que Lucy não se enquadra na mesma “categoria” que a dele, e acaba por rotulá-la por pertencer ao mundo rural e, no mundo rural, para David, Lucy decaiu, é um “[...] retrocesso, essa sólida colona” (COETZEE, 2000, p. 73).

Com o pensamento positivo, Lucy jamais imaginava que seria vítima de qualquer tipo de violência no lugar onde ela escolhera viver, mesmo conhecendo as histórias de brigas e discriminações raciais que faziam parte do local onde ela mora. Após ser estuprada, Lucy é questionada por David: “Pensou que se não desse queixa na polícia eles não voltariam? Foi isso que você pensou?” (COETZEE, 2000, p. 178), mas Lucy responde que não e ao ser indagada do porquê, apenas fica em silêncio. É necessário destacar que o estupro sofrido por Lucy pouco tem a ver com desejo sexual ou carnal, mas seria uma forma de simbolizar a volta do exercício de poder retomado pelos nativos. Além disso, quebra-se o paradigma de que somente as mulheres negras eram violentadas, pois aqui a vítima é uma mulher branca

A saída encontrada por Lucy é não revelar os acontecimentos, como se nada fosse aliviar ou recompensar o que houve. Ela busca, apenas, apagar de sua memória o que lhe aconteceu e seguir em frente. Em algumas passagens, a jovem enfrenta David

quando ele toca no assunto, pois sempre pergunta à filha se faz isso como uma forma de salvação, mas ela responde: “Eu só estou tentando salvar a minha pele. Se é isso que você acha, está entendendo tudo errado [...] Culpa e salvação são coisas abstratas. Eu não funciono em termos de abstrações. Enquanto não fizer um esforço para entender isso, não tenho nada para dizer” (COETZEE, 2000, p. 130).

Dessa forma, Lucy apresenta os seus motivos, mas continua incompreensível para David. O pai insiste em perguntar à filha se ela pretende alcançar a salvação por não denunciar o abuso e por receber “pacificamente” esse sofrimento, com o casamento e a assumindo a gravidez; então ela responde que concorda e continua dizendo que “[...] é humilhante. Mas talvez seja um bom ponto para começar de novo” (COETZEE, 2000, p. 231). Como se quisesse esquecer e recomeçar do nada e sem nada. Ainda, avaliando a relação de Lucy com seu pai, é evidente que nem mesmo a filha de Lurie fugiu aos seus julgamentos pejorativos, que se baseavam apenas em uma aparência meramente física e exterior: “Ele se senta na cama, acaricia o pé dela, descalço. Um bom pé, bonito. Boa estrutura, como a mãe dela. Uma mulher na flor da idade, atraente apesar do peso, apesar das roupas sem graça” (COETZEE, 2000, p. 89).

Enfim, o bebê de Lucy pode ser considerado um símbolo da inversão de poderes: assim como os colonizadores invadiram a terra e impuseram sua cultura à força, Lucy, abusada por um grupo de negros, acaba gerando dentro dela os frutos dessa violência, ao mesmo tempo em que é o anúncio de um novo começo, no qual a personagem se vê submissa ao negro que cuidava de sua fazenda, antes, e acabou por se tornar seu marido. Como postula Glenn (2015), “A escolha de Lucy, ao final do romance, também tem fortes e significativos antecedentes. Ela funciona como um comentário sobre a política da família edipiana e do *status* das mulheres como objetos de troca em uma economia de consanguidade” (GLENN, 2015, p. 133).

A partir das informações coletadas na análise é possível concluir que ambas as personagens femininas selecionadas para esta pesquisa sofrem algum tipo de violência. Com base nas teorias supracitadas, é perceptível que as duas foram vítimas de uma dominação masculina violenta, a qual deixou marcas externas e internas que elas fazem questão de esquecer, cada uma por um motivo diferente. Enquanto Melanie não quer recordar por vergonha, Lucy decide seguir em frente porque acredita que essa é uma forma de penitência ao povo nativo pelo mal que seus antepassados causaram.

FENDAS CONCLUSIVAS

Em suma, *Desonra*, de J. M. Coetzee, apresenta uma gama de conflitos culturais, sociais e políticos, os quais refletem na violência e na dominação patriarcal presentes na história sul-africana. Todos estes fatores desenvolvem uma discussão sobre a necessidade de se criar uma lógica de compreensão, que acabe tornando possível a reconstrução social de uma cultura que foi dominada pela história da opressão. Ademais, toda a abstenção de liberdade e a coação de direitos durante o regime do Apartheid deixaram profundas divisões na sociedade sul-africana, insuperáveis por qualquer pessoa que lá (sobre)vive.

O tema das relações entre negros e brancos no pós-apartheid africano é discutido pelo romance de Coetzee a partir de conceitos como perdão, verdade e reconciliação. Nas duas figuras femininas temos um exemplo claro da desconstrução que o autor realiza da definição de perdão cristã, uma vez que é perceptível a partir das experiências tanto de Melanie, quanto de Lucy, que o mal cometido não pode ser esquecido, reparado ou desfeito. Ambas decidem optar por ocultarem em sua memória as dores pelas quais passaram para, apenas assim, poder seguir em frente.

Levando em consideração ainda as duas figuras femininas analisadas, percebemos que, diferente do que ocorre em outras obras, em Coetzee o sofrimento a qual as personagens são submetidas não as torna mais fortes ou seguras, e muito menos conduz ao autoconhecimento, a uma compreensão do mundo e das materialidades que as cercam ou ao restabelecimento da ordem. Pelo contrário, todas as provações apenas reforçam o confronto interno das duas mulheres consigo mesmas, agregando mais uma experiência a ser esquecida ou reprimida para dentro de si. Não existe uma maneira de driblar as consequências: elas estão presentes a todo momento, e assim permanecerão.

Em *Desonra*, Coetzee observa o mundo com muita atenção. Nos apresenta uma visão de um mundo moderno, plausível, em relação aos sentimentos. Ele é quase um realista - no sentido que tem um compromisso com a observação do mundo, não somente do mundo social, mas de como as coisas operam no mundo. Usa sua estratégia para deixar que se discuta a situação, permanece em suspenso, evita o sentimentalismo, e mostra traços de um certo conservadorismo. Porém, não podemos deixar de lembrar que existe um Coetzee que tem um posicionamento firme. Posicionamento que observamos nas raras vezes em que o autor faz comparações em sua escrita, como por

exemplo, quando Coetzee comparou o mundo do *apartheid* com a palestina. Geralmente, o autor não utiliza essa estratégia comparativa, isto porque é menos produtivo do que a suspensão literária, que nos deixa em uma posição mais complexa e nos torna leitores que reconhecem os lugares que ele cria.

Neste romance, observamos também que o relato da violência contra o corpo da mulher incorpora a multidão de excluídos de um sistema jurídico incapaz de proteger a todos. O tema injustiça remete a uma estrutura jurídica incapaz de resolver os problemas da violência social e racial que se estabelece. Como se o autor nos mostrasse um retrato do trauma que os crimes violentos causam. O autor parece expressar esse resultado em suas personagens. Personagens que estão sujeitas a violência, provavelmente por conta de sua incapacidade de lutar. Mulheres sem voz nem lugares definidos, que além de lidar consigo mesmas e com os preconceitos que carregam, precisam também aprender a se posicionar e sobreviver diante de uma sociedade onde predomina o conceito de masculino, onde todos os olhares se voltam para a ideologia dominante, que as afasta cada vez mais de uma relação igualitária com seu próprio grupo social. Traumatizadas, deslocadas, indefesas e rotuladas, como o sexo frágil, Melanie e Lucy são exemplos típicos de um preconceito que ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço.

Referências

BANDEIRA, Marília F. *Representações da violência em Disgrace e waiting for the barbarians de J. M. Coetzee*. 2008. 167f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-20012009-164000/pt-br.php>>. Acesso em: 10 de jul. 2017.

BOEHMER (1995) apud RAMOS, Neila R. C. A literatura pós-colonial e a construção da identidade feminina negra em “A Cor Púrpura” de Alice Walker. In: *Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*, 2009. Salvador. Anais do I Enlaçando Sexualidades. Salvador: UNEB, 2009, p.01-13.

BONNICI, Thomas (org). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COETZEE, J. M. *Desonra*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GLEEN, Ian. Partiu para sempre – Desonra, de Coetzee. In: ROSENFELD, K. H.; PEREIRA, L. F. (Org). *Lendo J. M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015. p. 123-146.

PEREIRA, Lawrence F. A publicação de *Disgrace*, de J. M. Coetzee e a Submissão do Congresso Nacional Africano à Comissão de Direitos Humanos: os farm attacks, a AIDS, os temores brancos e as tentações da censura. In: ROSENFELD, K. H.; PEREIRA, L. F. (Org). *Lendo J. M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015. p. 189-226.

ROSENFELD, Kathrin H. Ambiguidade moral e ficcional em *Desgraça/Desonra*. In: ROSENFELD, K. H.; PEREIRA, L. F. (Org). *Lendo J. M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015. p. 101-122.

ROSENFELD, Kathrin H.; PEREIRA, Lawrence F. (Org). *Lendo J. M. Coetzee*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015.

SANTOS, Eloína Prati dos. Pós-colonialismo e pós-colonialidade. In: FIGUEIREDO, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

THE PROBLEM OF BEING A WOMAN: A REPRESENTATION OF THE CONSTRUCTION OF THE FEMININE IN *DISGRACE*, BY J. M. COETZEE

ABSTRACT

Disgrace, by J. M. Coetzee (2000) is a work that addresses issues related to human relations which are inserted in a post-apartheid context. In the course of the narrative it is possible to identify evidence concerning male domination and violence against women, as well as the role of women being represented as less than men. The objective of this research is to identify and to construct the representation of the female figure with an emphasis on the characters Melanie and Lucy. Moreover, it is worth mentioning that, in this study, the feminism combined with the image of women seeks to break with the concepts of a patriarchal society.

Keywords: *Disgrace*, Coetzee, Representation of the feminine, Post-apartheid Africa.